

SOJA, INCENSO E MIRRA

Por Gadafy de Matos Zeidam*

Resumo: o presente artigo aborda a euforia da divulgação dos números positivos da economia de municípios produtores de soja no estado do Piauí, contrapondo-a à experiência histórica do Iêmen, uma região outrora muito rica, denominada *Arabia Felix* pelos romanos, e hoje um país extremamente pobre. É um alerta para que o presente feliz do cerrado piauiense não se converta em um futuro infeliz, pois se observa que existe um descompasso entre o crescimento econômico e alguns indicadores sociais destes municípios.

Palavras-chave: Piauí. Soja. Economia. Desenvolvimento.

Abstract: this paper approaches the euphoria from divulgation of the positive economic numbers from Piauí's soygrower cities, in opposition to Yemen's historical experience, a former very rich region, named *Arabia Felix* by romans, but currently a very poor country. That's an alert for the happy present of Piauí's savanna doesn't become an unhappy future, because there is a mismatch between economic growth and social indicators from those cities.

Keywords: Piauí. Soy. Economy. Development.

Os dados do Produto Interno Bruto (PIB) de 2011 dos 224 municípios piauienses, de acordo com a Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí (Cepro), revelam que entre os 10 mais bem posicionados estão dois municípios que devem sua posição à soja: Uruçuí (o quarto) e Bom Jesus (o oitavo), ambos localizados no cerrado piauiense (PIAUÍ, 2013).

À primeira vista, parece que a soja é o toque de Midas que faltava ao Piauí, um impulso para o desenvolvimento. Através de sua produção, fomenta-se toda uma cadeia econômica a ela atrelada, máquinas agrícolas, salários, armazéns, transporte, comercialização e até industrialização. Mas o que esperar deste crescimento inequivocamente demonstrado por números?

Segundo notícia do Portal do Governo do Estado do Piauí, a cidade de Uruçuí subiu de 2,01% em 2010 para 2,45% em 2011 a sua participação na

economia do estado, enquanto que Bom Jesus foi de 0,86% para 1,12%. O PIB *per capita* destas cidades é ainda mais revelador: Uruçuí é a cidade relativamente mais rica do Piauí, com um PIB *per capita* em 2011 de R\$ 29.552,15 (aproximadamente US\$ 10.000), o que significa uma renda 3,77 vezes maior do que a média estadual, que é de R\$ 7.835,75. Já Bom Jesus ocupa a décima posição, com um PIB *per capita* de R\$ 11.877,73 (PIAUÍ, 2013).

De fato, entre as 10 cidades com melhor PIB *per capita*, além de Uruçuí (1ª posição) e Bom Jesus (10ª), encontram-se ainda Baixa Grande do Ribeiro (5ª), Sebastião Leal (7ª) e Ribeiro Gonçalves (8ª). São cinco as cidades produtoras de soja dentre as 10 mais ricas, em PIB *per capita*, do Piauí (PIAUÍ, 2013). Viva a soja e a riqueza que ela proporciona!

Contudo, a análise de outros dados pode converter a exclamação anterior em uma

interrogação. Estes outros números são encontrados em um livro da Fundação Cepro, “Piauí em Números”, 10ª edição, publicado em 2013. Nele, encontramos alguns dados menos glamorosos e menos divulgados do que o PIB e o PIB *per capita*.

A nossa pauta de exportação, por exemplo, é dominada pela soja (55%) e pela cera de carnaúba (27%), que representam mais de 80% do que o Piauí é capaz de vender para outros países (CEPRO, 2013). A soja e a cera de carnaúba lembram o olíbano e a mirra vendidos na época do Império Romano por um reino bastante próspero, localizado ao sul da Península Arábica, o reino Himiarita, onde se localiza atualmente o Iêmen. Segundo MacGregor (2013, p. 331):

O Iêmen nessa época não era um lugar atrasado; dominava a entrada do Mar Vermelho e com ela a grande rota comercial que ligava o Egito e o restante do império romano à Índia. Escrevendo antes do ano 79 d.C., o autor romano Plínio, o Velho, explicou por que os iemenitas eram tão ricos: ‘os principais produtos da Arábia são o olíbano e a mirra... são as nações mais ricas do mundo, tendo em vista que essa vasta riqueza flui para elas dos impérios romano e parta; pois vendem os produtos do mar ou de suas florestas e nada compram em troca.

Do olíbano se extraía o principal tipo de incenso no mundo antigo, utilizado vastamente nos altares domésticos do amplo Império Romano. Entre os antigos, a religião era muito mais um conjunto de práticas rituais familiares minuciosas e obrigatórias, como a queima de incenso, do que uma doutrina sobre Deus, uma concepção e um caminho para o absoluto (COULANGES, 2002).

A mirra, por sua vez, além de perfume (apesar de não ter uma fragrância forte, tem o mais longo tempo de duração entre os odores conhecidos), era usada no tratamento de feridas por causa de suas propriedades antisséptica e anti-inflamatória. Seu uso consta no Papiro de Ebers, um dos tratados médicos mais antigos do mundo, escrito pelos egípcios cerca de 1.550 a.C. (MACGREGOR, 2013).

Tanto o olíbano como a mirra eram muito caros. Consta em Mt 2,11 que os Reis Magos abriram seus tesouros e ofereceram a Nosso Senhor ouro, incenso e mirra. Além do significado teológico, é preciso esclarecer que incenso e mirra eram, no mundo antigo, presentes tão valiosos quanto o ouro (MACGREGOR, 2013).

A riqueza do Iêmen antigo também podia ser constatada pela represa de Marib, obra monumental e central de um complexo sistema de irrigação para mais de 100 km² de terras agricultáveis. A obra perdurou por mais de um milênio, mas ruiu após séculos de negligência e falta de manutenção, durante as guerras de unificação árabe, no séc. VI d.C. (INSTITUTO DEL TERCER MUNDO, 2002).

Ptolomeu, antigo geógrafo grego, descreveu o Iêmen como a *Eudaimon Arabia*, impressionado com sua riqueza e prosperidade. Os romanos repetiram a denominação e chamavam a região de *Arabia Felix*, ou Arábia Feliz. Mas da Arábia Feliz que impressionou os antigos pelo incenso e mirra, já não resta nem sombra. O Iêmen hoje é um país pobre, sede de grupos religiosos radicais, em guerra civil e com dois terços do território desérticos ou semidesérticos, herança do desmatamento voraz e da utilização acima da capacidade de regeneração das águas do subsolo (INSTITUTO DEL TERCER MUNDO, 2002).

Com índice de desenvolvimento humano (IDH) 0,500 (dados da Organização das Nações Unidas - ONU, de 2013),¹ O Iêmen integra o grupo de países com baixo IDH, próximo ao Haiti (0,471) e bem abaixo do Brasil (0,744); também segundo a ONU, o Iêmen tem 25,7% de sua população subnutrida, 55% com acesso a água potável, 53% com acesso a rede sanitária e apenas 65,3% das pessoas com 15 anos ou mais alfabetizadas (IBGE, 2015). Trocando em miúdos, uma região outrora muito rica, a Arábia Feliz é hoje um país extremamente pobre e infeliz.

E o Cerrado Feliz? A riqueza da soja demonstrada nos números da economia contrasta com outros dados de nosso estado. Observando os dados da educação publicados pela Fundação Cepro (2013), tem-se que a taxa de analfabetismo entre os maiores de 15 anos, por exemplo, é 19,28% no Piauí (8,59% no Brasil), já a média de anos de estudo entre os maiores de 15 anos é 5,8 anos no Piauí (7,5 anos no Brasil).

Em 2012, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Brasil (PNUD Brasil), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e a Fundação João Pinheiro calcularam, a partir dos dados do Censo de 2010, o índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) dos 5.565 municípios brasileiros, considerando as mesmas três dimensões do IDH Global: longevidade, educação e renda (cf. PNUD, 2013). Os dados de Uruçuí são reveladores do descompasso entre riqueza e desenvolvimento.

O IDHM-Educação de Uruçuí, por exemplo, é 0,516, o que representa a 3.680ª posição entre 5.565 municípios brasileiros. Águas de São Pedro, em São Paulo, ocupa o topo da lista nacional (0,825), enquanto Teresina, capital do Piauí (0,707), o topo da lista estadual (PNUD, 2013).

É pouco para tanta riqueza. O descompasso entre o crescimento econômico proporcionado pela soja e a realidade social do nosso estado serve de

alerta para que o futuro do Piauí, rico em soja e cera de carnaúba, não seja o mesmo do Iêmen, que era rico em olíbano e mirra. Talvez nem mesmo o ciclo de 1.000 anos da represa de Mariba se repita em nosso estado, acostumados que estamos a planejar nossas ações pelo horizonte da próxima eleição. E este descompasso não é culpa dos produtores de soja, absolutamente. Em vez de culpados, pois esta é uma questão muito complexa para ser respondida nas estreitas margens deste texto, por que não debater acerca de nosso sistema tributário regressivo, incapaz de alcançar a riqueza gerada, ou sobre a cultura de corrupção disseminada na execução da despesa pública, que faz o montante arrecadado servir para edificar riquezas particulares em vez de propiciar melhores serviços públicos?

Tem-se então um sistema tributário às avessas: ao invés de alcançar a riqueza e promover, através do império da lei, um fluxo de recursos para garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização, e reduzir as desigualdades sociais e regionais (objetivos fundamentais expressos na Constituição), estamos no caminho inverso, conforme diagnóstico bem detalhado por especialistas em tributação de nosso país, os Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil (SINDIFISCO NACIONAL, 2014).

Na realidade, a tributação regressiva aliada à corrupção na execução da despesa pública promove justamente o fluxo inverso, retirando recursos da camada mais pobre da população para a casta formada pelos corruptos de plantão, muitos dos quais responsáveis pelo futuro do País, ungidos que foram para ocupar cargos políticos.

E o dinheiro que falta para melhorar a prestação de serviços públicos farta em paraísos fiscais: a educação pública é um retrato fiel de nossa incapacidade em conciliar crescimento econômico e desenvolvimento. De acordo com o índice de desenvolvimento da educação básica (Ideb), Prova Brasil 2013, o Piauí tem 6% de alunos que aprenderam o adequado na competência de resolução de problemas de matemática até o 9º ano na rede pública de ensino (o Brasil, 11%) (cf. INEP, 2015).²

Voltando para os cinco municípios produtores de soja entre os 10 mais ricos do Piauí (PIB/capita), é possível avaliar os resultados de seus alunos na rede pública de ensino até o 9º ano pelo Ideb de 2013 (INEP, 2015): Uruçuí (3,7); Baixa Grande do Ribeiro (3,1); Sebastião Leal (3,2); Ribeiro Gonçalves (3,8); Bom Jesus (3,4). São dados que destoam da riqueza da soja e que estão abaixo de municípios como Campo Maior (4,0); Simões (4,1);

Água Branca (4,6); São Francisco do Piauí (4,7); e Cocal dos Alves (5,0).

Tais notas apenas demonstram que o crescimento econômico gerado pela soja no Cerrado Feliz talvez signifique que estejamos no rumo errado, pois tal riqueza pode converter-se em extrema pobreza, e a história é bastante generosa ao oferecer estas lições, mas também bastante rigorosa em aplicá-las.

Aqui não é o caso de simplesmente parar com a produção, invadir propriedades rurais e semear o caos; mas que tal começar por conciliar nossa vocação agrícola com os imperativos ambientais que a natureza impõe e que insistimos em desrespeitar? Em seguida, por que não discutir seriamente o custo social das imunidades tributárias das exportações de nossos produtos primários? Finalmente, qual o remédio mais eficaz contra a corrupção do que um povo esclarecido de seus direitos e deveres?

Assim, em vez de tentar descobrir um novo e provavelmente incerto atalho para o desenvolvimento, como através da proposta de dividir o Piauí em dois, enfrentar o fracasso da Educação é o velho e provavelmente certo caminho para o desenvolvimento; isso se quisermos realmente aproveitar nossas vocações ao invés de desperdiçá-las, conciliando crescimento econômico e desenvolvimento social.

A rica Uruçuí é apenas um retrato fiel do fracasso de nossa educação: 98% de crianças de 5 a 6 anos matriculadas na escola se convertem em 25,70% de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo (INEP, 2015).

À exceção da Rainha de Sabá, a história não reservou a posteridade a nenhum outro governante da Arábia Feliz. Talvez porque a única receita capaz de transformar a riqueza de uma região na prosperidade de um povo seja a educação. Segundo o relato bíblico constante em I Reis 10:10, a rainha teria ouvido sobre a sabedoria de Salomão e viajado até ele com presentes de ouro e especiarias.

Até que ponto estamos dispostos a fazer como a Rainha de Sabá e gastar nossas riquezas com educação é uma pergunta que tem inúmeras respostas. Contudo, a depender da resposta que escolhermos, estaremos diante de um futuro na pobreza ou na prosperidade.

O Iêmen pobre de hoje é a lição que fica da resposta dada pela maioria dos governantes da Arábia Feliz de outrora.

Notas:

⁽¹⁾ Os dados estão disponíveis no sítio do IBGE (2015), com informações detalhadas por país e referências aos relatórios oficiais das Nações Unidas.

⁽²⁾ Os dados do Ideb são apresentados por nível: Brasil, estado, município e escola

Referências

COULANGES, F. *A cidade antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

FUNDAÇÃO CEPRO (Piauí). *Piauí em Números*. 10. ed. Teresina: Comepi, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Acesso à informação: países*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

INSTITUTO DEL TERCER MUNDO (Uruguai). Iêmen. In: *Enciclopédia do Mundo Contemporâneo*. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Publifolha, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB*. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

MACGREGOR, N. *A história do mundo em 100 objetos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

PIAUÍ. Governo do Estado do Piauí. *Notícias*: Teresina é a cidade com o maior PIB dentre os municípios. 17 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.piaui.pi.gov.br/noticias/index/categoria/2/id/13992>>. Acesso em 09 abr. 2015.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD. *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013*. Disponível em <<http://www.pnud.org.br/arquivos/fs1-idhm-brasil.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

SINDICATO NACIONAL DOS AUDITORES-FISCAIS DA RECEITA FEDERAL DO BRASIL - SINDIFISCO NACIONAL. *Sistema tributário: diagnóstico e elementos para mudança*. 2. ed. rev., ampl. e atual. Brasília: Sindifisco Nacional, 2014.

*** Mestre em Filosofia pela UFPI , Auditor-Fiscal da Receita Federal do Brasil.**